



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS NOVOS EMBAIXADORES DO QUIRGUISTÃO,
ANTÍGUA E BARBADOS, GRÃO-DUCADO DO LUXEMBURGO
E BOTSWANA POR OCASIÃO DA APRESENTAÇÃO
DAS CARTAS CREDENCIAIS**

Sala Clementina

Quinta-feira, 16 de Maio de 2013

Senhores Embaixadores

Com alegria vos recebo por ocasião da apresentação das Cartas que vos credenciam como Embaixadores Extraordinários e Plenipotenciários dos vossos respectivos Países junto da Santa Sé: Quirguistão, Antígua e Barbados, Grão-Ducado do Luxemburgo e Botswana. As palavras cordiais, que me dirigistes e que vos agradeço sentidamente, atestam que os Chefes de Estado dos vossos Países têm a peito desenvolver as relações de estima e colaboração com a Santa Sé. Ficar-vos-ia grato se quisésseis transmitir-lhes os meus sentimentos de gratidão e respeito, juntamente com a certeza das minhas orações pelas suas pessoas e seus compatriotas.

Senhores Embaixadores, considerados os progressos que se verificam em vários âmbitos, a humanidade está neste momento a viver uma espécie de viragem na sua história. Não podemos deixar de nos alegrar com os resultados positivos, que concorrem para o bem-estar autêntico da humanidade, por exemplo, nos campos da saúde, educação e comunicação. Mas há que reconhecer também que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo continua a viver dia a dia numa precariedade de consequências funestas. Aumentam algumas patologias, com as suas consequências psicológicas; o medo e o desespero apoderam-se do coração de numerosas pessoas, mesmo nos Países considerados ricos; a alegria de viver vai diminuindo; a imoralidade e a violência estão a aumentar; torna-se mais evidente a pobreza. Tem-se de brigar para viver, cingindo-se muitas vezes a uma vida pouco dignificante. A meu ver, uma das causas desta situação reside na relação que temos com o dinheiro, aceitando o seu predomínio sobre nós e as nossas sociedades. Assim a crise financeira, que estamos a atravessar, faz-nos esquecer a sua origem primordial, que se encontra numa profunda crise antropológica, ou seja, na negação da

primazia do homem. Criámos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex 32,1-8) encontrou uma nova e cruel versão na idolatria do dinheiro e na ditadura de uma economia realmente sem fisionomia nem finalidade humanas.

A crise mundial, que envolve as finanças e a economia, parece evidenciar as suas deformações e, sobretudo, a sua grave carência de perspectiva antropológica, que reduz o homem a uma única das suas exigências: o consumo. Pior ainda, hoje o próprio ser humano é visto como um bem de consumo, que se pode usar e deitar fora. Começámos esta cultura do bota-fora. Esta perversão verifica-se tanto a nível individual como social; e goza do seu favor! Em tal contexto, a solidariedade, que é o tesouro dos pobres, acaba muitas vezes por ser considerada contraproducente, contrária à racionalidade financeira e económica. Enquanto os rendimentos duma minoria crescem de maneira exponencial, os da maioria vão-se exaurindo. Este desequilíbrio deriva de ideologias que promovem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira, negando assim o direito de controle aos Estados, que têm precisamente a responsabilidade de prover ao bem comum. Instaura-se uma nova tirania, invisível e às vezes virtual, que impõe, unilateralmente e sem recurso possível, as suas leis e regras. Além disso, a dívida e o crédito afastam os Países da sua economia real, e os cidadãos do seu poder real de compra. Depois vem juntar-se a isto uma corrupção tentacular e uma evasão fiscal egoísta, que assumiram dimensões mundiais. A avidez de poder e riqueza não conhece limites.

Por detrás desta atitude, esconde-se a recusa da ética, a recusa de Deus. Como a solidariedade, também a ética incomoda! É considerada contraproducente, vista como demasiado humana, porque relativiza o dinheiro e o poder, e como uma ameaça, porque recusa a manipulação e sujeição da pessoa; porque a ética conduz a Deus, que escapa às categorias do mercado. Deus é considerado por estes financeiros, economistas e políticos como não regulável, Deus não regulável, ou até perigoso, porque chama o homem à sua plena realização e à independência de qualquer tipo de escravidão. A meu ver, a ética – naturalmente não ideológica – permite criar um equilíbrio e uma ordem social mais humanos. Neste sentido, encorajo os peritos financeiros e os governantes dos vossos Países a terem em conta estas palavras de São João Crisóstomo: «Não partilhar com os pobres os próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Os bens que possuímos não são nossos, mas deles» (*Homilia sobre Lázaro*, 1, 6: PG 48, 992D).

Prezados Embaixadores, seria desejável a realização de uma reforma financeira que fosse ética e produzisse, por sua vez, uma reforma económica salutar para todos. Isso, porém, requereria por parte dos dirigentes políticos uma corajosa mudança de atitude. Exorto-os a enfrentarem este desafio com determinação e clarividência, naturalmente tendo em conta a peculiaridade dos respectivos contextos. O dinheiro deve servir, e não governar! Eu amo a todos, ricos e pobres; mas tenho o dever de recordar ao rico, em nome de Cristo, que deve ajudar o pobre, respeitá-lo, promovê-lo. Por isso, o Papa exorta à solidariedade desinteressada e a um retorno à ética que favoreça o homem na realidade financeira e económica.

A Igreja, por sua parte, não cessará de trabalhar pelo desenvolvimento integral de toda a pessoa. Neste sentido, recorda que o bem comum não deveria ser simplesmente um acréscimo, um esquema conceitual de reduzido valor, inserido nos programas políticos. A Igreja encoraja os governantes a permanecerem verdadeiramente ao serviço do bem comum das suas populações. Exorta os dirigentes das realidades financeiras a tomarem em consideração a ética e a solidariedade. E porque não dirigirem-se a Deus para que lhes inspire os seus desígnios!? Formar-se-á então uma nova mentalidade política e económica, que contribuirá para transformar a profunda dicotomia entre as esferas económica e social numa sã convivência.

Depois, por vosso intermédio, saúdo com afecto os Pastores e fiéis das comunidades católicas presentes nos vossos Países. Exorto-os a continuarem o seu intrépido e jubiloso testemunho de fé e amor fraterno ensinado por Cristo. Não tenham medo de oferecer a própria contribuição para o desenvolvimento dos seus Países, por meio de iniciativas e atitudes inspiradas na Sagrada Escritura. Enfim, no momento em que inaugurais a vossa missão, formulo-vos, Senhores Embaixadores, votos dos melhores êxitos, assegurando a colaboração da Cúria Romana no desempenho da vossa função. Com este objectivo, de bom grado, invoco sobre vós e vossos familiares e também sobre os vossos colaboradores a abundância das bênçãos de Deus. Obrigado!